

CRENÇAS DE ALUNOS E PROFESSOR SOBRE O USO DA LÍNGUA MATERNA NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Marília da Silva Corrêa LEMOS

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Araraquara)

Resumo: No contexto de sala de aula, professores de Língua Estrangeira (LE) frequentemente encontram situações de uso de Língua Materna (LM) feitas por seus alunos e por eles próprios, apesar da tentativa de evitar que tais situações ocorram. Essa questão sobre o uso da LM durante o aprendizado de uma LE se divide em duas vertentes: aqueles que observam a LM como limitadora da aprendizagem de uma LE, e aqueles que a observam como facilitadora de tal aprendizagem. Valendo-se dessa questão, a presente pesquisa, de caráter qualitativo e base etnográfica, investigou as (pré)concepções de aprendizes adultos e um professor a respeito da relação entre Língua Materna e Língua Estrangeira, e como se dava a ocorrência do uso de ambas as línguas no âmbito de uma sala de aula de língua inglesa de nível básico de um Centro de Ensino de Línguas de uma universidade pública do interior paulista. Os resultados apresentaram uma convergência de opiniões entre professor e alunos, que acreditavam que a LM deveria ser utilizada com a finalidade de esclarecer tarefas e vocabulário. Entretanto, a observação de aulas mostrou que o uso da LM não se restringia às concepções dos participantes, assumindo outras importantes funções.

Palavras-chave: Língua Materna; Ensino e Aprendizagem; Língua Estrangeira.

BELIEFS OF STUDENTS AND TEACHER ON THE USE OF THE MOTHER TONGUE IN FOREIGN LANGUAGE LEARNING

Abstract: In classroom contexts, language teachers often come across situations in which the mother tongue is used by their students and themselves, even though they attempt to avoid those situations to happen. The question of the use of the mother tongue (L1) during a foreign language (FL) learning is divided into two different positions: those who understand mother tongue as a barrier for foreign language learning, and those who understand it as a facilitator. Considering the issues posed here, this qualitative and ethnographic research sought to investigate the (pre) conceptions of adult learners and a teacher concerning the relation between mother tongue and foreign language, and how the use of both languages occurs during a basic level English class at a Language Teaching Center in a public university located in São Paulo state. The results have shown convergent opinions among students and teacher who believed the L1 should be used to clarify tasks and vocabulary. However, classroom observation have shown the use of the L1 is not limited to the conceptions of the participants, having other important functions.

Keywords: Mother Tongue; Learning and Teaching; Foreign Language.

CRISIS DE ALUMNOS Y PROFESOR SOBRE EL USO DE LA LENGUA MATERNA EN EL APRENDIZAJE DE LA LENGUA EXTRANJERA

Resumen: En el contexto del aula, los profesores de lengua extranjera (LE) a menudo se encuentran la Lengua Materna utilizar situaciones (LM) realizados por sus alumnos y por sí mismos, a pesar del intento de evitar este tipo de situaciones se produzcan. Esta pregunta sobre el uso de LM para el aprendizaje de una lengua extranjera se divide en dos partes: los que observan la LM como una limitación del aprendizaje de una lengua extranjera, y los que lo observan como un facilitador de este aprendizaje. Aprovechando esta pregunta, esta investigación, cualitativa y etnográfica, investigó los (pre) concepciones de los alumnos adultos y un profesor de la relación entre la madre y el Lenguaje de habla no inglesa, y cómo fue la aparición de la utilización de ambos idiomas dentro de un nivel básico de clase de Inglés de habla de un lenguaje centro de enseñanza en una universidad pública en Sao Paulo. Los resultados mostraron una convergencia de puntos de vista entre el profesor y los estudiantes, que creían que el LM se debe utilizar con el fin de aclarar las tareas y vocabulario. Sin embargo, la observación de la clase mostró que el uso de LM no se limitaba a las opiniones de los participantes, asumiendo otras funciones importantes.

Palabras clave: la lengua materna; La enseñanza y el aprendizaje; Lengua extranjera.

1. INTRODUÇÃO

A questão sobre o uso da língua materna (doravante LM) como facilitadora para o aprendizado de uma língua estrangeira (doravante LE) parece ser polêmica no âmbito da Linguística Aplicada mundial. Estudos na área de EFL (English as a Foreign Language) afirmam que o aprendizado de uma LE presume a maximização da exposição à língua-alvo, separação entre língua materna e estrangeira, e uso contínuo da LE na sala de aula (Nazary, 2008). Entretanto, outros estudos parecem ter encontrado resultados satisfatórios no uso da língua materna durante o aprendizado da LE.

Para Ringbom (1992), a língua materna funciona como facilitadora do aprendizado de vocabulário, possibilita que as tarefas fiquem mais claras, auxilia no entendimento de conceitos gramaticais, e pode reduzir do filtro afetivo. No Brasil, o pensamento vigente é de que o uso da língua materna deve ser evitado durante o processo de aprendizagem da língua

estrangeira, numa compreensão mais restrita do ensino comunicativo, ainda presente nas salas de aulas de línguas.

Não obstante, esse ensino e aprendizagem de uma segunda língua é marcado por crenças, como nos apresenta Barcelos (2006), quando cita o fato de os alunos acreditarem que é possível aprender inglês somente em escola de idiomas; ou que os melhores professores de línguas estrangeiras são os próprios nativos; ou que determinados alunos possuem um “bloqueio” para aprender uma segunda língua, dentre outras.

Valendo-se dessas questões, o presente estudo buscava investigar as (pré) concepções de alunos e um professor sobre as relações entre língua materna e língua estrangeira no processo de ensino e aprendizagem, observando como se dava essa relação no âmbito de uma sala de aula de língua inglesa de nível básico com aprendizes adultos¹. Para tanto, as perguntas que nortearam esta pesquisa foram as seguintes:

- a) Qual a (pré)concepção de alunos e do professor acerca do uso de LM na sala de aula de inglês como LE?
- b) Como é tratado o uso da língua materna durante as aulas de língua estrangeira?

Em se tratando de um recorte da pesquisa, buscaremos abordar nas seções seguintes considerações breves acerca da fundamentação teórica utilizada, bem como dos aspectos metodológicos e procedimentais para a coleta e análise dos dados. Posteriormente, apresentaremos os resultados mais pertinentes acerca das (pré)concepções de alunos e professores acerca do uso da LM na sala de aula de inglês como LE.

2. ABORDAGEM MONOLÍNGUE

Consideramos pertinente mencionar algumas questões acerca de diferentes abordagens de ensino e aprendizagem no que tange ao uso da língua materna na sala de aula de LE. A primeira concepção, a abordagem monolíngue, muito utilizada em sala de aulas

¹ Curso de língua inglesa de nível básico oferecido pelo Centro de Ensino de Línguas de uma universidade pública paulista. Ressalta-se que a autorização para a realização da pesquisa foi previamente concedida pela coordenação geral do Centro e que os participantes do estudo assinaram termos de consentimento livre e esclarecido antes da coleta de dados (CAAE: 27319114.6.0000.5400PB).

décadas de 70 e 80, sugere que apenas a LE deveria ser utilizada e reforçada durante a aula, e o uso da LM deve ser evitado, se não, proibido (CUMMINS, 1986). De acordo com o autor, as principais assunções da abordagem monolíngue em teorias de aprendizado de LE podem ser divididas em três subtópicos:

- 1) Somente a língua alvo deve ser usada para dar instruções durante a aula
- 2) Tradução da língua materna para a língua estrangeira não deve ocorrer durante a aula de LE
- 3) Nos programas de imersão ou bilinguismo, as duas línguas devem ser rigidamente separadas

Um exemplo de abordagem monolíngue é o Método Direto (ou Abordagem Direta), cujo princípio fundamental é de que a LE se aprende através da LE, nesse caso a LM nunca deve ser usada na sala de aula, pois os alunos devem aprender a “pensar na língua” que estão aprendendo. Segundo Leffa (1988), o método utilizava gestos e gravuras para transmitir significados, sem jamais recorrer à tradução. A Abordagem Direta se valia do método indutivo e da técnica da repetição, que sugeria um aprendizado automático da língua.

A abordagem monolíngue entra em declínio na década de 90, e abre espaço para estudos que abrangem a relação entre duas línguas durante o aprendizado de uma LE, como veremos na seção seguinte.

3. ABORDAGEM DA LE E LM

Com o desenvolvimento da abordagem bilíngue no ensino de línguas abriu-se espaço para o surgimento de teorias que relacionavam duas línguas durante o aprendizado de uma língua estrangeira. A hipótese da *interdependência* de Cummins, por exemplo, sugeria que a competência em uma LE estaria relacionada com o nível de competência já adquirido na LM, dessa forma, quanto mais desenvolvida fosse a competência na LM, mais fácil seria o aprendizado da LE (CUMMINS, 1986).

Atrelado a esse fato, outros estudos mostram que a LM pode ajudar o aprendizado de gramática e vocabulário da LE. Para Ringbom (1992, p.89), “cognatos em um texto na LE

facilmente ativam a forma similar das palavras na LM, e contribuem para um melhor entendimento do texto”. Além disso, **esse** autor percebeu similaridades existentes entre as línguas por ele estudadas, no que se refere à estrutura gramatical: “a relativa facilidade para compreender um texto em uma LE depende das estruturas gramaticais serem parecidas em ambas as línguas”.

De acordo com Nation (1990), aprender vocabulário através de traduções da língua pode ser eficiente, pois “aprender a partir de flash cards é um modo efetivo de aumentar rapidamente o léxico” (1990, p.591). Dando continuidade às pesquisas referentes ao aprendizado de vocabulário e gramática, outros estudos igualmente relevantes tratam da relação entre LM e LE em atividades de escrita e atividades em grupo. Segundo a pesquisa de Lameta-Tufuga (1994), discussões em grupo realizadas na LM podem resultar em um desempenho melhor na tarefa final de escrita na LE, em parte porque os alunos conseguem controlar melhor suas ideias, e o vocabulário necessário na LE é esclarecido e transmitido em um contexto útil durante a discussão em LM.

Além disso, a LM quando usada em atividades em duplas pode ajudar o entendimento dos alunos, como pode ser visto nos resultados obtidos por Storch e Wigglesworth (2003) que analisaram os modos como a LM pode influenciar o processo de aprendizagem dos alunos durante atividades em duplas. As conclusões sugerem que os aprendizes se sentem mais confortáveis quando utilizam sua língua materna, porém, ainda sentem que não é permitido utilizá-la. Os dados ainda revelaram que normalmente os alunos utilizam a LM para ajudar a organizar ideias e esclarecer tarefas, e apreender o significado de vocabulário e gramática.

Desse modo, os estudos citados demonstram que é possível utilizar ambas as línguas durante uma aula de LE e otimizar o processo de aprendizagem de vocabulário, melhorar o desempenho na escrita e esclarecer tarefas, contribuindo positivamente para o processo de aprendizagem dos alunos. Na seção seguinte, apontaremos alguns estudos acerca das concepções de alunos e professores sobre o uso de LM na sala de aula de LE.

4. A CONCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES

O estudo de Rodrigues (2012) buscou investigar as crenças de alunos e professores sobre o uso da LM no ensino de LE. A partir de questionários, narrativas e entrevistas, a pesquisadora demonstrou que os professores acreditavam que a LM deve ser usada como último recurso, precisando ser substituída pela LE, de acordo com o progresso do aluno. Enquanto isso, o mesmo estudo constatou que os alunos acreditavam que o português auxiliava a compreensão da explicação de vocabulário e gramática, mas que o professor deveria evitar o uso do português. Dessa forma, a autora termina o estudo ressaltando que alunos e professores têm as (pré)concepções de que o uso da LM deve ser evitado.

Outra pesquisa (MATTIOLI, 2012) referente às funções de uso da LM na sala pelo professor, cita cinco funções principais: explicar vocabulário; dar instruções; explicar as regras de linguagem; repreender os alunos; falar individualmente com um aluno. Notamos que as duas últimas funções não estão diretamente relacionadas ao processo de aprendizagem, mas de gerenciamento da sala de aula.

Ao mesmo tempo, outra investigação acerca da concepção de alunos e professores sobre o uso da LM durante a aula de LE mostrou que ambos, alunos e professores, acreditavam que a LM deveria ser usada, mas apresentavam perspectivas diferentes sobre *quando* usá-la (SCHWEERS, 1999). De acordo com o autor, os professores usariam a LM para ajudar os alunos a se sentirem mais confortáveis e para fazer brincadeiras, enquanto os alunos defendiam o uso da LM para a compreensão de vocabulário e para explicar conceitos difíceis.

Já outro estudo acerca do papel da língua materna na aprendizagem de língua estrangeira (NATION, 2003) demonstra que a LM pode ter um pequeno, mas importante papel durante uma aula, que seria a compreensão do sentido e do conteúdo abordado. A LM pode funcionar como uma mediadora para a compreensão de uma tarefa de writing, por exemplo. Nation também aponta que em muitos casos, a tradução de palavras para língua materna pode ser um meio eficiente para a expansão do vocabulário dos alunos. Os alunos pesquisados, por sua vez, se mostraram favoráveis ao uso de dicionários bilíngues. Por fim, o autor deixa claro que a LM deve ser usada quando necessário, para que seu uso não se sobreponha ao uso da

LE. Como pudemos observar, os estudos mencionados acerca do ensino e aprendizagem de uma LE por meio de uma abordagem monolíngue e bilíngue estão longe de encontrar um consenso. No entanto, diante do exposto, defendemos que a abordagem bilíngue seja mais efetiva, visto que permite pensar na relação entre as duas línguas durante a aprendizagem, e avaliar a influência de uma língua sobre a outra, a fim de otimizar a aprendizagem da LE. Dessa forma, defendemos que em um contexto em que os alunos compartilham a mesma LM, como é o caso do Brasil, por exemplo, esta pode ser utilizada em situações específicas que ajudem o desenvolvimento dos alunos na LE.

Estudos contemporâneos cada vez menos focam em uma abordagem específica de ensino de aprendizagem de línguas no que concerne o uso de uma ou mais línguas durante a aprendizagem de uma LE, mas procuram utilizar termos linguísticos e métodos para tentar descrever o processo da aprendizagem da língua estrangeira. No Brasil, Terra (2004) investigou os usos sociointeracionais da LM na sala de aula de LE, evidenciando que uma aula com altos índices do uso da LM pela professora e pelos alunos era sempre uma aula desafiadora, na qual os alunos se demonstravam engajados em solucionar os problemas. Nos achados da pesquisadora, a professora utilizava a LM para direcionar a atenção dos alunos, facilitar a tarefa e incentivar o desenvolvimento do raciocínio. Enquanto isso, os alunos utilizavam o português para pedir informações, dar explicações ou arriscar hipóteses. Dessa forma, percebe-se que não se trata apenas de uma questão sobre usar ou não usar a LM na aprendizagem de LE.

No presente trabalho, a partir da observação de um contexto de aprendizagem específico foi possível investigar a relação do sujeito com as línguas. Na seção seguinte, faremos algumas breves considerações sobre o desenho da pesquisa.

5. NATUREZA DA PESQUISA

A investigação realizada pode ser classificada como qualitativa, de base etnográfica, sendo uma pesquisa diagnóstica, pois envolveu a coleta de dados por um período contínuo (1 semestre), tomando como instrumentos e procedimentos, observações de aulas, aplicação de questionários semiestruturados e entrevista. O momento de observação de aulas,

particularmente, merece uma atenção especial à metodologia empregada, uma vez que o pesquisador pode assumir diferentes posturas durante uma aula (NUNAN, 1988).

As aulas observadas para a pesquisa em questão foram abordadas a partir da não-intervenção do pesquisador (observação não-participante), ou seja, as aulas foram assistidas evitando qualquer manifestação da pesquisadora que, apesar de ter se atentado principalmente a situações específicas do uso da Língua Materna, não excluiu considerar outras possíveis situações vivenciadas que também fossem relevantes para o trabalho. Portanto, a pesquisadora foi uma observadora que utilizou seletividade, no sentido de que se valeu de certos aspectos de avaliação do conteúdo (observação de aulas, entrevista e questionário)..

Segundo as autoras Bortoni-Ricardo e Pereira (2006), pode-se “construir uma triangulação combinando as perspectivas de diversos atores em uma ação” (BORTONI-RICARDO, PEREIRA, 2006, p.10). Partindo-se desse pressuposto, os dados deste estudo foram analisados a partir de três visões distintas:

- 1) visão do aluno;
- 2) visão do professor;
- 3) visão da pesquisadora.

As visões do aluno sobre as (pré)concepções a respeito do uso e da relação entre LM e LE foram obtidas por meio da aplicação de questionários semiestruturados e a visão do professor foi obtida com a realização da entrevista e notas de campo das observações de aula. A visão da pesquisadora se valeu da indução analítica dos dados coletados, por meio da qual “o pesquisador vai estabelecendo elos entre os seus registros e as suas asserções” (BORTONI-RICARDO; PEREIRA, p.12, 2006).

Dessa maneira, para equacionar-se com critérios de confiabilidade e validade, foi feita a triangulação de informações a partir dos dados provenientes dos questionários, entrevista e observações de aula. Tendo em mente a primeira pergunta de pesquisa sobre as (pré)concepções de alunos e do professor acerca do uso de LM na sala de aula de inglês como LE, tanto os questionários quanto a entrevista foram utilizados como dados primários que foram triangulados com os dados obtidos nas observações de aula e notas de campo. Já para

responder à segunda questão deste estudo sobre o uso da língua materna durante a aula de LE, as observações e notas de campo foram considerados como dados secundários.

Tais instrumentos são aplicáveis neste estudo, uma vez que, por meio deles foi possível obter informações relevantes para análise da relação entre a LM e a LE no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, buscando levantar algumas das (pre)concepções de alunos e do professor em uma sala de aula de língua inglesa de nível básico.

6. CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

O contexto de ensino investigado foi um curso de extensão de língua inglesa, de nível básico, oferecido pelo Centro de Ensino de Línguas de uma universidade pública localizada no interior do Estado de São Paulo. Os alunos e o professor são alunos de graduação, pós-graduação e servidores da própria universidade, sendo o professor um aluno do curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Inglês.

O Centro de Ensino de Línguas (CEL) conta com a participação de 8 alunos bolsistas da graduação (que cursam Bacharelado e Licenciatura em Letras-Inglês, Alemão ou Espanhol) que atuam, sob a supervisão de professores orientadores em suas respectivas áreas (Português para Estrangeiros, Inglês, Alemão e Espanhol). Sob orientação de seus supervisores, os professores-bolsistas são responsáveis pelo planejamento de cursos, elaboração de materiais didáticos e instrumentos de avaliação, além de ministrar as aulas de línguas estrangeiras para alunos da comunidade unespiana e externa.²

Foram assistidas aulas de inglês de nível básico com 2 horas de duração cada. A mesma turma foi acompanhada ao longo de 1 mês.

6.1 PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES

No curso investigado, havia um total de 23 alunos. No dia da aplicação do questionário, estavam presentes 15 alunos. Dos quinze, onze tinham idade entre 18 e 25 anos, e quatro

² Dados retirados da página <http://www.fclar.unesp.br/#!/centrodelinguas>. Acesso em 18 jun 2015.

entre 37 e 54 anos. Ao responder o questionário, os alunos deveriam selecionar o tempo e o local onde estudaram inglês anteriormente (escola de idiomas, escola pública, escola particular) podendo selecionar mais de uma opção. Cinco afirmaram terem estudado inglês anteriormente em escola de idiomas, por um período que variava entre 7 meses e 7 anos. Dois alunos estudaram inglês em escola particular e pública durante o ensino fundamental e médio, enquanto cinco afirmaram ter estudado apenas em escola particular, e oito apenas em escola pública. Um aluno afirmou ter estudado inglês em um projeto social durante o período de 3 anos e 6 meses.

6.2 PERFIL DO PROFESSOR

O professor entrevistado, na ocasião, era aluno do terceiro ano de Graduação em Letras Português-Inglês. Lecionava no Centro de Ensino de Línguas da universidade há 8 meses, sendo esta sua primeira experiência docente.

Estudou em escola pública, mas não considerava relevante o que aprendeu de inglês naquela época; citando a universidade como o local onde adquiriu maior aprendizado e conhecimento da língua.

É importante ressaltar que os alunos-professores que integram a equipe de colaboradores do Centro de Ensino de Línguas participam de reuniões pedagógicas semanais com as professoras supervisoras da área de língua inglesa, em que são discutidos tópicos de cunho teórico-prático-metodológico acerca do processo de ensino e aprendizagem de LE, além de questões gerenciais da sala de aula.

7. COLETA DE DADOS

A coleta de dados teve duração de um semestre letivo e dividiu-se em três períodos. A primeira etapa foi reservada para a aplicação de termos de consentimento e questionários para os alunos. Os questionários semiestruturados tiveram como objetivo coletar dados gerais dos estudantes participantes (idade, sexo, curso de graduação), bem como dados específicos que indicassem a familiaridade de cada aluno com a língua inglesa (há quanto tempo estudam, para

quais fins a estudam, etc.). Além disso, por meio dos questionários, esperou-se incluir questões que nos permitiriam identificar as (pré)concepções acerca das relações entre LE e LM. Dando continuidade, seguiu-se para a próxima etapa que envolveu a observação não-participante de aulas, registradas por meio de notas de campo, para investigar como se dava a relação entre LM e LE na sala de aula. Essa etapa foi necessária para coletar dados que possibilitassem a análise de situações de sala de aula em que os alunos e o professor utilizavam a LM.

Por fim, na terceira etapa, foi realizada uma entrevista com o professor. Foi feito um roteiro de entrevista semiestruturado, contendo perguntas reflexivas que possibilitavam ao professor expressar suas próprias opiniões a respeito do tema.

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise dos questionários aplicados, depreenderam-se dois motivos principais para o aprendizado da língua inglesa: inserção no mercado profissional e interesse em viajar para um país em que se fala inglês.

Quando indagados sobre o uso da LM em sala de aula, as respostas fornecidas demonstraram 3 constatações principais, sendo elas: 1) O português deve ser utilizado durante a aula, 2) Os alunos realizam a tradução do português para o inglês, 3) O português deve ser utilizado pelo professor para explicar conceitos difíceis, introduzir uma matéria nova e definir vocabulário. Essas constatações serão pormenorizadas a seguir:

1) O português deve ser utilizado durante a aula

Os questionários coletados mostram que mais de 70% (11 alunos) da turma acreditavam que a LM deveria ser utilizada durante a aula, resposta semelhante à obtida no estudo de Rodrigues (2012).

2) Os alunos realizam a tradução do português para o inglês

Neste item, constatamos que 80% (12 alunos) costumavam traduzir antes de falar ou escrever.

Ao analisarmos as justificativas dos 80% que disseram realizar a tradução, pudemos observar que a maioria dos alunos concebia a prática da tradução como uma limitação, ou seja,

os alunos praticavam a versão do Português para o Inglês, mas acreditavam que era um hábito a ser evitado. As justificativas dos alunos condizem com a afirmação de Murrah (2000 apud MATTIOLLI, 2004), sobre o uso da tradução como evidência de problemas em comunicação, e não uma escolha de atividade. A tradução, dessa forma, estaria sendo utilizada devido à pouca proficiência dos alunos na língua-alvo, e não como um exercício a agregar ao aprendizado da LE.

Quando perguntados a respeito de em quais habilidades eles encontravam mais dificuldades na língua inglesa, as categorias com maiores problemas foram listening e speaking, e a principal justificativa foi a dificuldade em pronunciar e compreender as palavras.

As respostas dos alunos refletiam o que ocorria durante as aulas: os aprendizes utilizavam o português para fazer perguntas e responder às questões feitas pelo professor. De acordo com Atkinson (1993), isso é determinado pelo nível de conhecimento na língua, e quanto mais adiantado for o nível, menos frequente será o uso da LM. Assim, seria compreensível o uso intenso da LM, posto que se trata de uma turma de nível básico. Não obstante, Nation (2001) traz outras duas razões que justificam a produção do aluno na LM: a falta de confiança de se expressar na língua estrangeira e a falta de interesse na aprendizagem. No caso da turma pesquisada, a timidez para se arriscar no idioma foi o motivo preponderante.

a. O Português deve ser utilizado pelo professor para explicar conceitos difíceis, introduzir uma matéria nova e definir vocabulário.

Com referência à pergunta “você gosta quando o professor utiliza o português durante a aula”, apenas 20% informaram que “gostam muito”, sendo a maior incidência de respostas (60%) para “gosto algumas vezes”. O momento que julgam mais apropriado para a intervenção do professor em português é “para explicar conceitos difíceis”. Ao mesmo tempo se igualam as opções “para introduzir uma matéria nova” e para “definir vocabulário”. É interessante citar que a opção “para fazer brincadeiras com os alunos”, foi selecionada por apenas 1 aluno, embora os dados de Ringbom (1992) demonstrem que brincadeiras na LM podem ajudar a reduzir o filtro afetivo de aprendizes na sala de aula de LE.

Ainda, verificamos uma discrepância entre esses dados e os dados referentes ao tópico 1 (sobre o uso do português em sala de aula). Enquanto 70% dos alunos afirmavam que o português deveria ser utilizado durante a aula, apenas 20% dos alunos informaram “gostar muito” quando o professor fazia uso do português. Entendemos que essa incoerência pode demonstrar duas hipóteses: os alunos acreditavam que o português deveria ser usado de forma moderada, ou o professor estava utilizando o português em proporções que não agradavam a maioria dos alunos.

Com base nas observações de aula e notas de campo, notamos que a LM era bastante utilizado pelos alunos. Apesar de os aprendizes considerarem a tradução antes de falar, ler e escrever como um hábito que deveria ser deixado de lado, situações desse tipo aconteciam com frequência durante a aula.

Observamos que nas situações 1 e 2, transcritas a seguir, o aluno utilizou o português para verificar se compreendeu a fala do professor, repetindo em português o que foi dito pelo professor em inglês. Nesse caso, ao fazer uso da LM o aluno está confirmando sua compreensão da LE, e assim legitimando seu aprendizado. Com o tempo, espera-se que o aluno tenha autoconfiança suficiente para que não necessite dessa confirmação:

Situação 1

A1: Prof, você entregou uma apostila para os alunos?

P: yes, last class, you weren't here.

A1: ah tá, na aula passada, então você me entrega depois?

P: yes, no problem.

(Aula 1 dia 05/05/2014)

Situação 2

P: switch purple for beige in this exercise.

A2: calma prof, fala em português, é pra mudar roxo pra bege?

(Aula 2, dia 07/05/2014)

Em outras situações (situação 3 e situação 4) o aluno A3, através da mediação do professor, relacionou ambas as línguas, e a partir da dedução, inferiu sobre um novo item lexical em inglês. Nesse ponto, as semelhanças de vocabulário entre as línguas foram um elemento facilitador para o aprendizado.

Situação 3

A3: *o vet, existe veterinarian igual no português veterinário?*

P: *yes!*

(Aula 3, dia 12/05/2014)

Situação 4

P: *Carpenter. What is a carpenter?*

(silêncio)

P: *Looks like Portuguese.*

Turma: Carpinteiro.

(Aula 2, dia 07/05/2014)

Por fim, na situação 5, vemos um aluno A1 dizer a tradução de ‘lawyer’ para o português, conseqüentemente apresentando uma nova palavra ao aluno A2, que por sua vez a reproduz em uma frase em inglês. A partir dos exemplos, observa-se o uso da LM como meio de definir e adquirir vocabulário, esclarecer tarefas, e promover interação entre alunos. Tais achados corroboram com a pesquisa de Terra (2004), que cita o envolvimento dos alunos como principal fator de engajamento e produção na língua materna.

Os exemplos citados também condizem com as respostas coletadas nos questionários, e assemelham-se aos dados obtidos por Rodrigues (2012), como podemos observar na situação a seguir:

Situação 5

P: *what is a lawyer?*

A1: *Advogado.*

A2: *I’m a lawyer!*

(Aula 4, dia 14/05/2014)

Quando perguntado sobre qual seria a melhor forma para ensinar uma LE, o professor entrevistado revelou que acreditava que não havia uma “receita”, defendendo que o caminho era dinamizar a aula com múltiplas linguagens.

“Adoro trabalhar com textos para ensinar gramática e imagens para ensinar vocabulário”.

(Trecho 1. Entrevista com professor).

Para ele, a maior dificuldade era auxiliar alunos de nível inicial a reconhecer signos linguísticos, a associar significante ao significado. Isso reflete no seu ensino de vocabulário:

“Penso que traduzir [o vocabulário] nem sempre seja a melhor escolha, no entanto, há o momento para traduzir também. Eu faço do seguinte modo: se a palavra é alguma coisa simples ex. ‘armchair’ eu faço mímica ou desenho, no entanto, se é uma palavra mais rebuscada ou expressão da língua, a tradução parece-me ser mais eficaz.”

(Trecho 2. Entrevista com professor).

Este trecho da entrevista condiz em partes com o que ocorria durante as aulas, porque o professor não se valia apenas de mímicas ou ilustrações para apresentar um vocabulário simples. Ocorriam outras situações de tradução de vocabulário simples, como podemos observar na situação 7, quando o professor utilizava a tradução direta, embora a palavra seja semelhante com o português.

Situação 7

A5: O que é Occupation?

P: Ocupação. Profissão.

(Aula 1, dia 05/05/2014)

Além desse caso, em outras situações o professor apresentou o vocabulário explicando o sentido da palavra em inglês, e depois traduziu para o português, como podemos observar na situação 8.

Situação 8

P: am I a magician? A magician is someone who works in a circus, he has a hat and takes a rabbit from inside the hat... Mágico

(Aula 3, dia 12/05/2014)

Segundo Butzkamm (2003), a LM é mais precisa na explicação de vocabulário, e usá-la em sala de aula faria com que o aluno confiasse mais nas novas expressões ensinadas. Dessa forma, o uso do português ajudaria a superar as dificuldades de aprendizagem de vocabulário. Tal fato pode justificar as ações do professor nas situações descritas anteriormente.

O professor acreditava que o uso do português durante a aula de língua estrangeira era necessário, citando que, no início da sua prática pedagógica, tentou falar apenas em inglês, mas isso não agradou a turma, como ele revela no trecho a seguir:

“Utilizo a Língua Portuguesa na aula, sim, aliás, nunca dei uma aula toda em inglês. [...] por mais que num planejamento de curso pareça

interessante a proposta de falar o máximo de inglês como input, eu já tive problemas porque eu exagerei no inglês, então procuro dosar mais as coisas. Principalmente, nos níveis mais primários.”

(Trecho 3. Entrevista com o professor).

Conforme sugere Atkinson (1993) para determinar a quantidade de LM e LE usada em sala de aula, o professor deve considerar fatores como a experiência prévia dos alunos (se estão acostumados com o uso de LM em sala de aula ou não); o nível de conhecimento da língua (quanto mais adiantado for o nível, menos frequente será o uso da LM); e o estágio do curso (quanto mais familiar for a relação entre professor e aluno, mais fácil será a condução da aula somente na LE).

Essas questões refletem diretamente na prática pedagógica do professor analisado, que lecionava para uma turma de nível básico, com pouca familiaridade com a língua inglesa (conforme demonstraram as respostas aos questionários aplicados), e em um estágio inicial – as aulas haviam começado há pouco mais de 2 meses.

A partir da análise das observações de aula, percebemos que o uso da LM pelo professor vai muito além da definição de vocabulário específico. O professor fazia uso da LM para explicar um conceito gramatical, para introduzir uma matéria nova, e para esclarecer tarefas. A prática de sala de aula do professor condizia com as respostas obtidas nos questionários respondidos pelos alunos, que acreditavam que o professor deveria utilizar a LM com essas finalidades.

Dessa forma, apesar de a entrevista não transparecer esse múltiplo uso da LM pelo professor, isso ocorria durante as aulas, indo ao encontro das expectativas dos alunos em relação à prática pedagógica do professor.

As observações de aula, porém, revelaram um uso excessivo do português pelo professor, em alguns momentos em que realizava traduções simultâneas de informações que falava em inglês. Mello (2004) afirma que se duas línguas forem usadas para transmitir um mesmo conteúdo, a motivação dos alunos para compreender o que está sendo ensinado na LE pode ser diminuída, pois os alunos sempre poderão recorrer à LM quando tiverem problemas, reduzindo o esforço para se aprender a língua-alvo.

Isso se verificou durante as aulas observadas, quando o professor demonstrava um desgaste por traduzir tudo o que falava, enquanto os alunos estavam acomodados. Podemos comparar essa informação com os dados dos questionários dos alunos, que revelam que apenas 20% da turma apreciava o uso de Português pelo professor, mostrando que talvez o professor devesse repensar a quantidade de uso da LM que ele realizava durante sua aula.

CONSIDERAÇÕES

Assim, retomando as perguntas norteadoras desta pesquisa que eram:

- 1) Qual a (pré)concepção de alunos e do professor acerca do uso de LM na sala de aula de inglês como LE?
- 2) Em que momento a LM é usada na sala de aula e com quais finalidades?

Com referência à primeira pergunta, acerca das (pré)concepções dos alunos e do professor sobre o uso de LM na sala de aula de LE, os dados analisados nos permitem concluir que os alunos e o professor tinham (pré)concepções semelhantes acerca do uso da LM na sala de aula. Para os alunos, a LM deveria ser utilizada durante a aula pelo professor para explicar conceitos difíceis, introduzir uma matéria nova e definir vocabulário. Ainda, os alunos acreditavam que era preciso evitar o hábito da tradução.

Já o professor acreditava que a LM deveria ser utilizada durante a aula, principalmente nos níveis mais primários de conhecimento da língua. Para ele, a LM deveria ser utilizada para definir um vocábulo caso fosse algo mais específico ou alguma expressão idiomática da língua.

Com referência à segunda pergunta, sobre como era o uso da língua materna na sala de aula de LE, podemos afirmar que a LM era tratada de formas que vão além das definições sugeridas pelos alunos e professor. Durante a aula, a LM era utilizada como forma de mediar a interação entre professor-aluno, e otimizar a aprendizagem da língua alvo – os alunos a utilizavam para responder perguntas e tirar dúvidas com o professor, para relacionar vivências do dia-a-dia com algo aprendido na aula, e para fazer associações entre palavras semelhantes em ambas as línguas; enquanto o professor utilizava a LM para explicar conceitos gramaticais, definir vocabulário, fazer associações entre as línguas, e realizar traduções simultâneas.

O uso da LM, porém, parecia exceder o uso da LE em alguns momentos, o que, ao invés de otimizar a comunicação entre aluno e professor, acabava tornando -a menos direta e menos dinâmica. Os momentos de uso excessivo da LM demonstraram, de um lado, o desgaste do professor ao fazer traduções simultâneas, e do outro uma acomodação dos alunos. Ainda, os dados referentes aos questionários aplicados aos alunos sugerem que os alunos não eram, em sua maioria, favoráveis ao uso excessivo do português pelo professor. Enquanto isso, o professor acreditava que esse uso do Português fosse necessário, já que tivera problemas quando ministrava aulas somente em inglês no início do curso.

As observações de aulas nos permitiram evidenciar que os alunos e o professor utilizavam a LM não somente com as funções mencionadas por eles no questionário e na entrevista, mas também para outras funções, tais como relacionar vivências do dia a dia com algo aprendido na aula, fazer associações entre as línguas, e realizar traduções simultâneas, com a finalidade de mediar a interação entre professor-aluno e otimizar a aprendizagem.

As observações de aulas, porém, foram de curta duração, pois coincidiram com o período de greve que a universidade passou. Esse fator também prejudicou a aplicação dos questionários, que só foram realizados com 65% da turma, dessa forma a opinião da classe não pode ser generalizada para todos os alunos.

A pesquisa foi realizada em um contexto específico, dentro de uma universidade pública com aprendizes adultos e um professor em formação. Acreditamos que outros resultados poderiam ser adquiridos se a pesquisa fosse realizada em outro contexto.

Por fim, sendo a Língua Materna intrínseca ao aprendiz de Língua Estrangeira, uma aliança entre as línguas deve ser desenvolvida durante a aprendizagem da LE. De um lado, o aluno precisa ter consciência de como o uso da Língua Materna pode influenciar sua aprendizagem, e de outro, o professor necessita refletir sobre o uso da Língua Materna em sua prática pedagógica de forma a buscar a otimização do processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, D. **Teaching Monolingual Classes**. Essex: Longman Group UK Limited, 1993. (Coleção Longman Keys to Language Teaching)
- AUERBACH, E. Re-examining English Only in the ESL Classroom. **TESOL Quarterly**, v.27, n.1, 1993, p.9-32.
- BARCELOS, A.M. Narrativas, Crenças e Cxperiências de Aprender Inglês. **Linguagem & Ensino**, v.9, n.2, 2006, p.145-175.
- BORTONI-RICARDO, S.M., PEREIRA, A.D. Formação Continuada de Professores e Pesquisa Etnográfica Colaborativa: a formação do professor pesquisador. **Revista da Pós-graduação em Letras da UFPA**, n.26, 2006, p.149-162.
- BUTZKAMM, W. We Only Learn Language Once. The Role of the Mother Tongue in FL Classrooms: death of a dogma. **Language Learning Journal**, 2003, n. 28, p.29-30.
- CUMMINS, J. Rethinking Monolingual Instructional Strategies in Multilingual Classrooms. **Canadian Journal of Applied Linguistics**, v.10, n.2, 1986, p.221-240.
- DURÃO, A.B., CANATO, A.P. A Influência do Português como Língua Materna no Processo de Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira: a questão do sujeito gramatical. **Investigações**, v.18 n.2, 2005, p.1-19. FÉRNANDEZ, G.E. Linguística Contrastiva e Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras na Atualidade: algumas relações. **Signum: Estudos Linguísticos**, v.6 n.2, 2003, p.101-118.
- GEORGIANA, C. Overusing the Mother Tongue in English Language Teaching. **Cultural and Linguistic Communication**. v.2, n.3, 2012, p.212-218.
- KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Pergmon Press, 1982.
- MATTIOLI, G. On Native Language and Intrusion Making Do with Words. **The English Teaching Forum**, v.42, 2004, p.20-25.
- MELLO, H. A B. de. L1: Madrinha ou Madrasta? O Papel da L1 na Aquisição de L2. **Signótica-Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da UFG**. v.16, n.2, 2004, p.213-242.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino e aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- NATION, I.S.P. **Teaching and Learning Vocabulary**. New York: Newbury House.1990, p.581-595.

NATION, I.S.P. The role of the first language in foreign language learning. *Asian EFL Journal*, 2003.

NAZARY, M. The Role of L1 in L2 Acquisition: attitudes of Iranian University students. **Novitas-ROYAL**, v.2, n.2, 2008, p.138-153.

TERRA, M. R. **Língua Materna (LM): um recurso mediacional importante na sala de aula de aprendizagem de Língua Estrangeira (LE)**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, (43), 2004, p.97-113.

RODRIGUES, R.M. A Língua Materna no Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa, suas Crenças e Uso. **Entrepalavras**, v.2, 2012, p.84-110.

RINGBOM, H. On L1 Transfer on L2 Comprehension and L2 Production. *Language Learning*. v.42, n.1, 1992, p.85-112. SCHWEERS, W. C. Jr. The Use of the L1 in the L2 Classroom. **English Teaching Forum**, 1999, p.6-13.

Marília da Silva Corrêa LEMOS

Graduação em Letras (Licenciatura/Bacharelado) na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP - Araraquara) com período de intercâmbio na University of Victoria (Canadá). Desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica na área de Linguística Aplicada/Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira

Recebido em dezembro/2016 - Aceito em setembro/2018

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Idade: _____

1. Você já estudou inglês anteriormente? Assinale uma das opções e indique o tempo.

Escola de idiomas. _____ anos.

Ensino fundamental e médio na escola pública. _____ anos.

Ensino fundamental e médio na escola particular. _____ anos.

Outro. Especifique: _____ anos.

2. Descreva sua experiência como aprendiz de inglês até o presente.

3. Por que você quer aprender inglês?

4. Em sua opinião, quais são as características de um bom aprendiz de língua estrangeira?

5. Quem deve ser responsável pela aprendizagem? Assinale uma das opções abaixo:

Professor: () 15% () 25% () 50% () 75% () 100%

Aluno: () 15% () 25% () 50% () 75% () 100%

6. Em sua opinião, o que as pessoas devem fazer para aprender uma língua estrangeira de forma eficiente?

7. Em qual das habilidades abaixo você encontra mais dificuldade ao estudar inglês? Explique.

() *Listening* _____

() *Speaking* _____

() *Reading* _____

() *Writing* _____

8. Como você estuda e/ou pratica uma língua estrangeira?

9. Você costuma traduzir antes de falar, ler ou escrever?

10. Você acredita que o português deve ser usado durante a aula?

Sim Não Não sei

11. Você gosta quando o professor utiliza o português durante a aula?

- Não gosto
- Gosto um pouco
- Não gosto nem desgosto
- Gosto algumas vezes
- Gosto muito

12. Em quais momentos você acha que é apropriado ao professor usar o português durante a aula?

- Para explicar conceitos difíceis
- Para introduzir uma matéria nova
- Para resumir o que já foi aprendido
- Para fazer brincadeiras com os alunos
- Para deixar os alunos mais confortáveis e confiantes
- Para definir vocabulário
- Em nenhum momento